

**A INTERTEXTUALIDADE COMO FENÔMENO SEMÂNTICO NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E
COMPREENSÃO TEXTUAL: a (re)construção de sentidos, do clássico ao digital**

**INTERTEXTUALITY AS A SEMANTIC PHENOMENON IN THE PROCESS OF TEXT PRODUCTION AND
COMPREHENSION: from the classical to the digital, the (re)construction of meaning**

**LA INTERTEXTUALIDAD COMO FENÓMENO SEMÁNTICO EN EL PROCESO DE PRODUCCIÓN Y
COMPRENSIÓN TEXTUAL: la (re)construcción de sentidos, de lo clásico a lo digital**

 Ana Luzia Santos Araújo¹

 Silvana Alves Oliveira da Conceição Silva²

 Francisco Renato Lima³

1. Graduanda em Letras - Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: analsa@aluno.uespi.br
2. Graduanda em Letras - Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: saodacs@aluno.uespi.br
3. Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Letras - Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor Assistente I na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: fcorenatolima@hotmail.com

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar a intertextualidade como fenômeno semântico nos processos de produção e de compreensão textual, envolvendo a releitura de textos clássicos por meio de aspectos linguístico-discursivos da linguagem digital. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho exploratório, realizada por meio do método bibliográfico. O *corpus* é composto de textos extraídos de páginas ou plataformas de circulação digital livres. A análise enfatiza a relação dialógica entre os textos-fonte e suas releituras, a partir de aspectos da linguagem digital, os quais ultrapassam o simples estabelecimento de vínculos referenciais e constituem um processo semântico e dinâmico, que subverte e amplia os horizontes interpretativos das obras clássicas. O estudo demonstra que essa ressignificação dialoga com os códigos culturais contemporâneos e posiciona o leitor como coautor na cadeia de produção textual-discursiva, na relação entre textos clássicos e possíveis releituras, advindas da cultura do digital, do midiático e do virtual.

Palavras-chave: Intertextualidade; Semântica; Releitura; Cultura digital; (Re)construção de sentidos.

ABSTRACT: This study aims to analyze intertextuality as a semantic phenomenon in the processes of text production and comprehension, involving the reinterpretation of classical texts through the linguistic and discursive aspects of digital language. Methodologically, it is a qualitative, exploratory study conducted through the bibliographic method. The corpus consists of texts extracted from freely accessible digital pages or platforms. The analysis emphasizes the dialogical relationship between the source texts and their reinterpretations, based on aspects of digital language that go beyond the mere establishment of referential links and constitute a semantic and dynamic process that subverts and broadens the interpretive horizons of classical works. The study shows that this re-signification engages with contemporary cultural codes and positions the reader as a co-author in the chain of textual-discursive production, within the relationship between classical texts and possible reinterpretations arising from digital, media, and virtual culture.

Keywords: Intertextuality; Semantics; Rereading; Digital Culture; (Re)construction of Meanings.

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo analizar la intertextualidad como fenómeno semántico en los procesos de producción y comprensión textual, involucrando la relectura de textos clásicos a través de aspectos lingüístico-discursivos del lenguaje digital. Metodológicamente, se trata de una investigación de enfoque cualitativo, de carácter exploratorio, realizada mediante el método bibliográfico. El corpus está compuesto por textos extraídos de páginas o plataformas de circulación digital de acceso libre. El análisis enfatiza la relación dialógica entre los textos fuente y sus relecturas, a partir de aspectos del lenguaje digital que van más allá del simple establecimiento de vínculos referenciales y constituyen un proceso semántico y dinámico que subvierte y amplía los horizontes interpretativos de las obras clásicas. El estudio demuestra que esta ressignificación dialoga con los códigos culturales contemporáneos y posiciona al lector como coautor en la cadena de producción textual-discursiva, en la relación entre textos clásicos y posibles relecturas provenientes de la cultura digital, mediática y virtual.

Palabras-clave: Intertextualidad; Semántica; Relectura; Cultura digital; (Re)construcción de sentidos.

Recebido em: 15/04/2025

Aprovado em: 25/05/2025



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

A intertextualidade configura-se como um fenômeno essencial nos processos de significação e interpretação textual, sendo um dos pilares da construção discursiva e da produção de sentidos. Fundamentada na teoria dialógica da linguagem de Bakhtin (2009, 2011, 2013), a esse fenômeno de linguagem evidencia a natureza relacional dos textos, demonstrando que nenhum enunciado se dá em isolamento, mas sempre em interação com discursos anteriores e/ou simultâneos. Assim, compreender um texto implica reconhecer sua rede de relações, seus diálogos implícitos e explícitos com outras produções discursivas.

No âmbito da Linguística Textual (LT), por exemplo, Koch (2014) enfatiza que a leitura não se limita a um ato mecânico de decodificação, mas se constitui como um processo interativo e cognitivo que mobiliza esquemas mentais, conhecimentos de mundo e competências textuais e discursivas. Nesse contexto, a intertextualidade opera como um mecanismo semântico que não apenas vincula textos distintos, mas também orienta os modos de leitura, de interpretação e de compreensão textual, fornecendo pistas para a construção de sentido por parte do leitor. Marcuschi (2008) acrescenta que a textualidade se estrutura por meio de estratégias interdiscursivas que garantem a coesão e coerência, sendo a intertextualidade uma das propriedades fundamentais na organização e circulação dos textos.

Com o advento da cultura digital, os processos de produção e de recepção textual passaram por transformações significativas. Santaella (2001, 2013) destaca que a digitalização dos textos e a convergência midiática intensificaram a intertextualidade, promovendo novas formas de hibridização discursiva e a reconfiguração dos clássicos literários em diferentes suportes e linguagens. A hipertextualidade, a multimodalidade e a interatividade proporcionadas pelas plataformas digitais criam um cenário em que os textos não apenas dialogam com outros textos, mas também se transformam continuamente por meio da resignificação promovida pelos leitores-autores da era digital, implicando, portanto, novos perfis de leitores, os hiper leitores, que se conectam, por meio dos hiperlinks.

Diante desse panorama, o presente estudo propõe-se a analisar a intertextualidade como fenômeno semântico nos processos de produção e de compreensão textual, envolvendo a releitura de textos clássicos¹ por meio de aspectos linguístico-discursivos da linguagem digital. Do ponto de vista metodológico, o estudo assume uma abordagem qualitativa, de cunho exploratório, realizado a partir dos procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica (Gil, 2019). O referencial teórico fundamenta-se, principalmente, nos estudos semânticos de Cançado (2008), Müller e Viotti (2014) e Ribeiro (2016) e, em demais autores que abordam aspectos relativos à intertextualidade, ao dialogismo e à interdiscursividade, como: Bakhtin (2009, 2011, 2013), Genette (1982), Koch (2015), Koch, Bentes e Cavalcante (2012), Kristeva (1969, 1974) e Marcuschi (2008), entre outros; além de questões relacionadas à leitura e à linguagem no universo digital, como: Araújo e Lobo-Sousa (2009), Kenski (2018), Koch (2007, 2014), Lévy (1993), Santaella (2001, 2013), entre outros, que auxiliaram a compreender as dinâmicas de releitura e a reconfiguração de textos clássicos no contexto da comunicação digital, proporcionando uma reflexão crítica sobre as práticas de leitura, de produção e de compreensão textual em ambientes mediados pela linguagem digital.

¹ Entende-se por “clássicos”, neste texto, obras que se firmaram no âmbito da cultura artística, resistindo ao tempo e se consolidando na cultura universal, a exemplo das quatro apresentadas no *corpus*. Calvino (2007), em sua obra: *Por que ler os clássicos*, aponta que as obras que perfilam esse rol são aquelas consideradas valiosas, no sentido de serem clássicos universais para o campo, a partir de alguns parâmetros ou princípios estabelecidos no curso de sua permanência na história da cultura letrada. Eles “chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)” (Calvino, 2007, p. 11).

Nesse escopo, o *corpus* da análise é composto de um conjunto de oito textos não verbais, colocando em diálogo uma obra considerada clássica e uma releitura da mesma, com evidência na exploração dos recursos da cultural digital, como mecanismo para a construção da intertextualidade, como fenômeno semântico e de construção de sentidos. Essas imagens, de domínio público e ampla circulação na internet, foram extraídas de páginas ou plataformas de circulação digital livres, conforme referenciadas as fontes abaixo das mesmas e também disponibilizadas nas listas de referências, após os autores.

A partir dessa caracterização, o estudo divide-se em cinco partes, incluindo estas considerações iniciais e as considerações finais, após a elucidação teórica e analítica. Nesse fim, trata-se, inicialmente, sobre a construção de sentidos do texto pelo viés semântico, com foco nos processos de produção e de compreensão textual; em seguida, discute-se sobre a intertextualidade como fenômeno semântico, a partir do diálogo entre textos clássicos e textos da linguagem digital; e, na parte analítica, entrecruza-se um olhar para aspectos linguístico-discursivos que põem em diálogo os textos clássicos e os da linguagem digital.

A construção de sentidos do texto pelo viés semântico: processos de produção e de compreensão textual

A construção de sentidos no texto constitui um fenômeno resultante da interação entre os elementos linguísticos, cognitivos e discursivos que compõem o tecido textual. A Semântica, enquanto disciplina que investiga os processos de significação (Cançado, 2008), desempenha um papel central na análise da relação entre expressões linguísticas e os modelos mentais ativados no processamento textual. Desde sua formalização por Michel Bréal, em 1897, a esse nível de análise da língua tem se expandido para incluir diversas vertentes, como a semântica lexical, a semântica discursiva e a semântica cognitiva, cada qual enfocando diferentes aspectos da constituição do significado (Ribeiro, 2016).

É por isso que podemos dizer que há semântica de todo tipo. Há semântica textual, semântica cognitiva, semântica lexical. Há semântica argumentativa, semântica discursiva... Todas elas estudam o significado, cada uma do seu modo. Tanta variedade mostra que o estudo do significado pode ser feito de vários ângulos (Müller; Viotti, 2014, p. 37).

A linguística cognitiva, por exemplo, desenvolvida a partir dos anos 1970, revolucionou a compreensão da linguagem ao considerar que a construção de sentido decorre da interação entre cognição, percepção e experiência corporal. Sob essa perspectiva, conceitos abstratos são compreendidos por meio de esquemas de imagem e mapeamentos metafóricos, conforme postulado por Lakoff e Turner (1989). A metaforização não é apenas um recurso estilístico, mas um mecanismo cognitivo fundamental para a categorização da realidade e a expansão dos domínios conceituais sobre o mundo.

Nesse sentido, a compreensão textual, enquanto processo dinâmico, depende de um conjunto de estratégias cognitivas e discursivas que permitem ao leitor estabelecer inferências, ativar conhecimentos enciclopédicos e integrar novas informações a esquemas pré-existentes. Nesse sentido, a coerência textual, conforme apontado por Koch (2015), não se configura como uma propriedade imanente ao texto, mas como um fenômeno resultante da interação entre texto, leitor e contexto. Para que a compreensão ocorra de maneira eficaz, é necessário que o leitor mobilize um repertório de modelos cognitivos, superestruturas textuais e convenções discursivas que orientam a interpretação. Daí, Kintsch e Van Dijk (1978), considerarem que o texto é constituído de um conjunto de fatores, que envolvem proposições, algumas explicitamente expressas, enquanto outras são subentendidas.

Modelos teóricos de compreensão, como os de Kintsch e Van Dijk (1978) e Van Dijk e Kintsch (1983), propõem uma estrutura hierárquica para a compreensão textual, delineando três níveis fundamentais de representação cognitiva: o código de superfície, que retém os aspectos lexicais e sintáticos do texto; o texto-base, que organiza as proposições de maneira coesa e interligada; e o modelo situacional, que integra informações explícitas e inferenciais em uma representação mental coerente. Esse modelo explica por que a leitura não é um processo linear de decodificação, mas uma atividade interpretativa de construção de significados, mediada por processos de inferência e de monitoramento cognitivo.

[...] em uma situação de interação, quando levamos em conta os interlocutores, os conhecimentos considerados como compartilhados, o propósito da comunicação, o lugar e o tempo em que nos encontramos, os papéis socialmente assumidos e os aspectos histórico-culturais, estamos atuando com base no contexto e em seus elementos constitutivos (Koch; Elias, 2012, p. 76).

No âmbito dessa abordagem, a intertextualidade, compreendida como um fenômeno semântico, amplia ainda mais a complexidade do processo de compreensão textual, “pois nenhum texto se acha isolado e solitário” (Marcuschi, 2008, p. 129), logo, todos os textos são intertextuais. Koch (2015) ressalta que a intertextualidade possibilita ao leitor estabelecer relações entre diferentes textos, ativando esquemas mentais que auxiliam na interpretação e ressignificação das informações lidas. No contexto da cultura digital, esse fenômeno se intensifica, uma vez que textos multimodais, hipertextos e remixagens culturais promovem novas dinâmicas de interação e apropriação discursiva.

Van Dijk (2012) argumenta que a compreensão textual também está ancorada em modelos cognitivos de contexto, que monitoram eventos comunicativos e representam intenções, propósitos e expectativas dos interlocutores. Assim, a interpretação textual não se limita à decodificação de signos linguísticos, mas envolve um processo ativo de negociação de sentidos, no qual o leitor desempenha um papel fundamental na (re)construção dos significados textuais.

Diante desses aspectos, a construção de sentidos no texto emerge como um fenômeno dependente de uma complexa rede de fatores linguísticos, cognitivos e contextuais. A partir das abordagens da semântica cognitiva e dos modelos de compreensão textual, evidencia-se que a leitura e a compreensão textual demandam um leitor ativo, capaz de mobilizar estratégias interpretativas e de estabelecer conexões entre diferentes níveis de significado. No cenário digital, essas questões adquirem ainda mais relevância, uma vez que a intertextualidade e a multimodalidade transformam as práticas de leitura, exigindo um maior grau de reflexão e criticidade na construção do conhecimento.

A leitura digital não ocorre mais de maneira linear e sequencial, como no formato impresso, mas de forma hipertextual e fragmentada, onde o leitor precisa navegar entre diferentes camadas de informação, estabelecendo conexões entre textos, imagens, vídeos e outros recursos multimodais. Nesse contexto, a cultura digital, definida por Kenski (2018), surge como um conceito emergente que engloba inovações tecnológicas e novas formas de interação, comunicação e compartilhamento em rede, transforma a produção e a recepção textual. Esse ambiente impulsiona a coautoria, a interatividade e a reconfiguração dos sentidos.

Dessa forma, o leitor contemporâneo não é mais um receptor passivo de conteúdo, mas um agente ativo na construção de significados, promovendo novas formas de produção e recepção textual, impulsionando a coautoria, a interatividade e a reconfiguração dos sentidos. Para isso, torna-se essencial o desenvolvimento de habilidades de letramento digital crítico, que possibilitem a avaliação da credibilidade das fontes, a interpretação contextualizada das informações e o gerenciamento da sobrecarga informacional

característica da era digital. Diante desse cenário, a relevância de compreender, por exemplo, esse diálogo intertextual entre textos clássicos e textos da linguagem digital, a seguir.

A intertextualidade como fenômeno semântico: diálogo entre textos clássicos e textos da linguagem digital

A intertextualidade, enquanto fenômeno semântico, configura-se como um dos principais mecanismos de construção e ressignificação textual, estabelecendo conexões entre discursos distintos ao longo do tempo e dos contextos socioculturais. Fundamentada na concepção dialógica da linguagem, do filósofo russo Mikhail Bakhtin, essa noção foi amplamente desenvolvida por Julia Kristeva (1969, 1974), que a definiu como um processo pelo qual qualquer texto se constitui a partir da absorção e transformação de outros textos. Essa dinâmica intertextual ganha contornos ainda mais específicos na dinâmica da cultura digital, onde a relação entre textos clássicos e novas produções midiáticas ocorre de maneira mais intensa e multifacetada, pela fusão de “textos múltiplos” (Koch, 2007).

Nos estudos intertextuais, Genette (1982) propõe uma tipologia abrangente das relações transtextuais, diferenciando intertextualidade manifesta (citações diretas, alusões explícitas) e intertextualidade implícita (paródias, plágios, estilísticas derivativas). Koch, Bentes e Cavalcante (2012) expandem essa perspectiva ao classificar a intertextualidade em quatro modalidades: temática, estilística, explícita e implícita. No contexto digital, essas categorias são reconfiguradas pelas práticas interativas da web, evidenciando uma intertextualidade participativa e descentralizada.

A intertextualidade no ambiente digital se manifesta através de diferentes formas, desde a reinterpretação de textos clássicos em memes até a reconfiguração narrativa em *fanfictions* e adaptações audiovisuais. Um exemplo paradigmático é a releitura da tragédia “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, na cultura pop e digital. Filmes como “Romeu + Julieta” (1996), de Baz Luhrmann, transportam a trama para um contexto contemporâneo, preservando a estrutura textual original, enquanto memes e paródias disseminados nas redes sociais reformulam trechos icônicos da obra, adaptando-os a situações cotidianas e humorísticas.

Outro exemplo é a ressignificação de mitos e narrativas tradicionais em ambientes digitais. A mitologia grega, por exemplo, tem sido amplamente resgatada em produções como “Percy Jackson & the Olympians”, de Rick Riordan, que reinterpreta os mitos clássicos sob uma perspectiva contemporânea, aproximando-se de um público jovem por meio de referências a contextos modernos. Nesse sentido, a intertextualidade não apenas estabelece conexões entre textos, mas também media a interação entre diferentes gerações de leitores e espectadores, constituindo, o que Lévy (1993, p. 33) define como o hipertexto:

[...] um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria deles, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

O hipertexto, característico da linguagem digital, introduz um novo paradigma na compreensão intertextual. Diferentemente da intertextualidade clássica, fundamentada na memória discursiva do leitor, o hipertexto proporciona um acesso imersivo a diferentes camadas de informação, alterando as dinâmicas de leitura e compreensão textual. Araújo e Lobo-Sousa (2009) alertam, no entanto, que a intertextualidade

digital não se resume ao mecanismo dos hiperlinks, sendo necessário considerar os efeitos semânticos e discursivos dessas conexões. De maneira similar, Lima-Neto e Carvalho (2023, p. 02), ao discutirem sobre intertextualidades em ambientes digitais, a partir do uso de *hashtags*, salientam que “como critério para que se reconheçam as intertextualidades, admitimos a verificação de evidências de algum tipo de repetição nos textos”, ou seja, uma evidência textual-discursiva, mostrada ou não, que coloque os textos em uma relação dialógica.

Ademais, a intertextualidade na cultura digital se manifesta em formatos específicos, como a intertextualidade paródica e a intertextualidade expandida. A intertextualidade paródica está presente na ressignificação crítica de textos clássicos, como na obra “Orgulho e Preconceito e Zumbis”, que reinventa o romance de Jane Austen com elementos de horror. Por sua vez, a intertextualidade expandida ocorre na construção de universos ficcionais que extrapolam seus textos originais, como no caso do “Harry Potter” e suas continuações e reimaginações produzidas por fãs e autores independentes na web.

A intertextualidade digital também exige do leitor uma nova postura interpretativa, baseada no letramento digital e na capacidade de estabelecer conexões críticas entre diferentes suportes textuais. Xavier (2007) argumenta que a interatividade proporcionada pelo meio digital transforma o leitor em um coautor, responsável por navegar entre camadas de significado e construir sua própria compreensão do texto. Assim, a intertextualidade não apenas conecta textos, mas também redefine a dinâmica da leitura.

Diante do exposto, percebe-se que a intertextualidade como fenômeno semântico assume novas configurações na era da linguagem digital, promovendo interações dinâmicas e expansivas entre textos clássicos e novas formas de expressão midiática. Essa nova dinâmica reforça a relevância dos estudos intertextuais para a compreensão das transformações discursivas contemporâneas, evidenciando a continuidade e a ressignificação dos discursos ao longo do tempo. Ao reconhecer os impactos das novas tecnologias na produção e recepção textual, reafirma-se a necessidade de compreender a intertextualidade como um fenômeno essencial à evolução dos processos comunicativos na era digital, por meio do movimento analítico apresentado a seguir.

Aspectos linguístico-discursivos no diálogo entre textos clássicos e textos da linguagem digital: o fenômeno da intertextualidade em análise

Segundo Kristeva (1969), todo texto é construído a partir de um mosaico de citações, demonstrando que a compreensão textual é um processo de interação e ressignificação. A intertextualidade, portanto, não apenas conecta diferentes produções textuais, mas também influencia a forma como os significados são construídos. Nesse sentido, neste tópico, examina-se a intertextualidade como um fenômeno essencial na cultura digital, analisando como textos clássicos da história da arte são ressignificados por meio de discursos contemporâneos mediados por tecnologias digitais, resultando em novas configurações semióticas e enunciativas.

A intertextualidade semântico-discursiva manifesta-se em diferentes níveis na releitura e ressignificação de obras clássicas. Fundamentado na ideia de que nenhum texto existe isoladamente, esse conceito encontra respaldo na teoria de Genette (1982), que categoriza as relações transtextuais em hipertextualidade, paratextualidade e metatextualidade, permitindo uma compreensão mais ampla sobre como os textos dialogam e se transformam. No contexto digital, esse processo se intensifica devido à convergência midiática e à dinamicidade da comunicação em rede, ampliando significativamente as

possibilidades de ressignificação e promovendo uma constante reconfiguração da enunciação textual e visual.

A hipertextualidade, segundo Genette (1982), refere-se à relação entre um texto original, o hipotexto, e suas transformações ou ampliações em novos textos, os hipertextos (Levi, 1993), promovendo novos sentidos (Koch, 2007). No meio digital, isso se manifesta de maneira intensa por meio de memes, remixes e adaptações multimídia que ressignificam obras clássicas em diferentes plataformas, instaurando novas cadeias de significação.

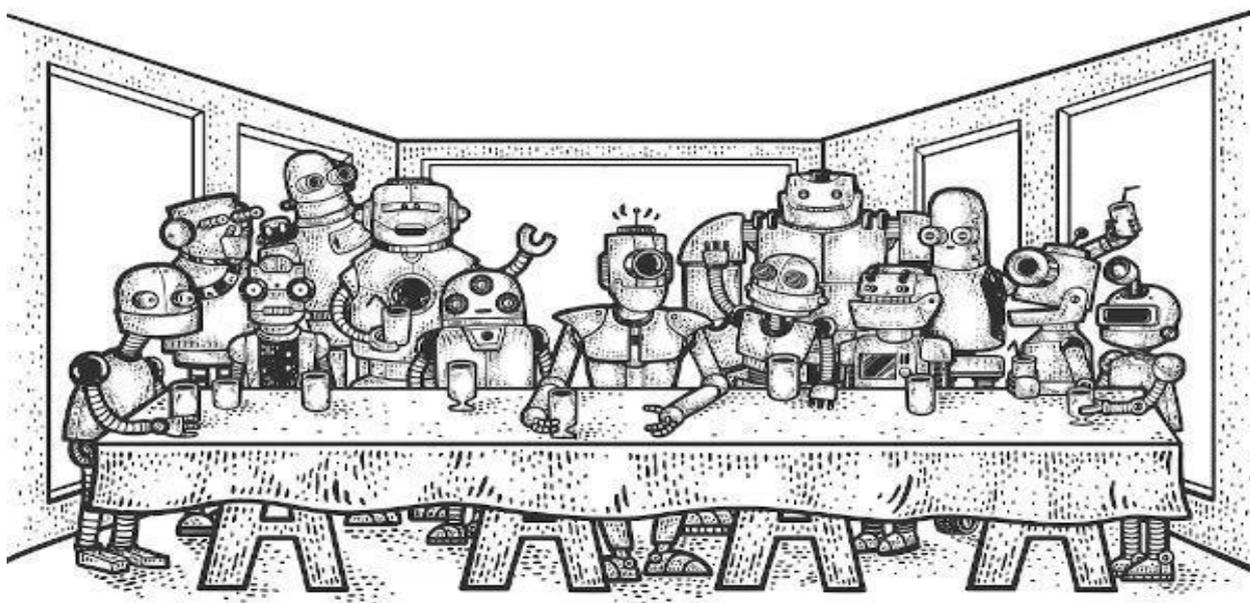
Um exemplo disso é a releitura de *A Última Ceia* de Leonardo da Vinci, na qual os personagens humanos são substituídos por robôs, promovendo um deslocamento semântico-discursivo e instaurando uma nova isotopia interpretativa, conforme as Figuras 1 e 2, seguintes, as quais exemplificam o movimento intertextual analisado:

Figura 1: *A Última Ceia*, de Leonardo da Vinci



Fonte: Istoé (2025). Disponível em: <https://istoe.com.br/20-curiosidades-sobre-a-ultima-ceia-obra-prima-de-leonardo-da-vinci/>. Acesso em: 03 mar. 2025.

Figura 2: Releitura da obra *A Última Ceia*



Fonte:

Brasil Escola (2025). Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/intertextualidade-.htm>. Acesso em: 03 mar. 2025.

A obra *A Última Ceia* (Figura 1) é um marco da pintura renascentista, estruturando-se linguisticamente em um discurso visual, não verbal, que privilegia a expressividade emocional e a narrativa religiosa. A perspectiva centralizada em Cristo e a disposição simétrica dos apóstolos funcionam como enunciados pictóricos que reforçam a dramaticidade do momento retratado.

Em sua releitura contemporânea (Figura 2), os personagens são substituídos por robôs, ocorrendo, assim, um deslocamento semântico e discursivo no processo de produção e compreensão textual. O *ethos* da expressividade humana é substituído por uma estetização da tecnologia, transformando a cena em um discurso sobre a desumanização na era da inteligência artificial. Baudrillard (1991) argumenta que a hiper-realidade midiática dilui a distinção entre o real e a simulação, e essa releitura visualiza tal dinâmica ao deslocar a tensão espiritual para um contexto de autômatos programados, inserindo um novo regime de visibilidade e um deslocamento axiológico no eixo interpretativo da obra.

Essa mudança, ao mesmo tempo em que mantém a composição visual da obra original, altera seu discurso ao inserir um outro debate. Já a paratextualidade, segundo Genette (1982), diz respeito a elementos que acompanham um texto principal, como títulos, legendas e comentários. No contexto digital, essa relação se amplia com a presença de *hashtags*, metadados e interações nos comentários, que influenciam diretamente a interpretação das releituras, reconfigurando as relações pragmáticas entre enunciatador e enunciatário.

O segundo exemplo apresentado é a partir da *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, criada entre 1503 e 1519, é uma obra que se consolidou como um dos ícones mais reconhecíveis da arte ocidental, destacando-se pela sofisticação técnica do *sfumato*² e pela expressão enigmática de sua protagonista. A aura de mistério

² Bertoldi (2016, p. 06), em análise acerca da construção do mito em torno do quadro *Mona Lisa*, aponta que o *sfumato* é uma técnica “que consiste em esfumar expressões faciais criando efeitos embaçados que aumentam a expressividade”. Mendes *et al.* (2013, p. 13) acrescentam: “Consta de alguns desses estudos que Leonardo empregou diversas camadas para reproduzir a técnica do *sfumato* com a tinta à óleo, inovação na pintura que até então apresentava traços das pinceladas e linhas duras entre luz e sombra. [...] Leonardo revolucionou a pintura da época similarmente ao impacto que a fotografia trouxe aos retratos. Conceitualmente, o *sfumato* tornou possível que o artista pintasse uma cena verossímil, crível, onde não se vê traços da fatura humana, causando um paralelo com a criação divina como se a obra fosse entregue pelas próprias mãos do senhor”.

associada à obra original estabelece uma relação de contemplação entre a imagem e o espectador, convidando a múltiplas interpretações sobre o significado do olhar e do sorriso da figura retratada. No entanto, no contexto da cultura digital, a *Mona Lisa* tem sido frequentemente ressignificada, sendo um dos exemplos mais emblemáticos a versão em que seu olhar contemplativo é substituído por um semblante fixado em um celular, instaurando uma nova cena enunciativa e deslocando o foco interpretativo para a hipermodernidade midiática. Segue então, as Figuras 3 e 4, ilustrativas desse fenômeno:

Figura 3: *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci



Fonte: Wikipédia (2025). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mona_Lisa. Acesso em: 03 mar. 2025.

Figura 4: Releitura da *Mona Lisa*

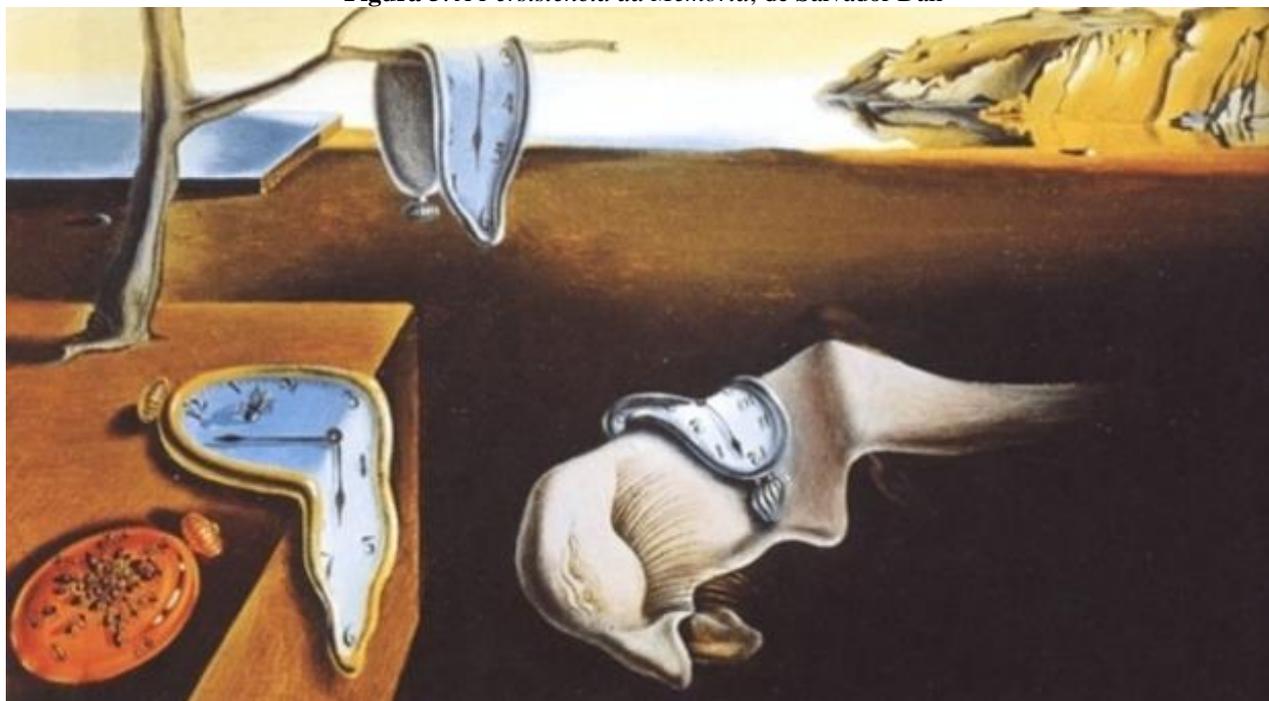


Fonte: Pinterest (2025). Disponível em: <https://in.pinterest.com/pin/259871840984022954/>. Acesso em: 03 mar. 2025.

Essa releitura (Figura 4) altera profundamente a carga semântica da obra, ao inserir um elemento contemporâneo que modifica sua relação com o público. O dispositivo móvel, além de romper com a interação direta entre a figura e o espectador, reconfigura sua postura e expressão facial, enfatizando um comportamento característico da era digital: a hiperconectividade associada à dispersão da atenção. A análise semântico-discursiva dessa transformação sugere uma crítica direta à hipermodernidade e ao modo como os dispositivos eletrônicos afetam a comunicação e a experiência estética.

Além das categorias transtextuais de Genette (1982), associa-se à teoria da semiose infinita, proposta por Peirce (1995), a qual oferece uma contribuição para compreender o processo contínuo de ressignificação das obras clássicas. Para o teórico, os signos não possuem significados fixos ou estáticos, mas são constantemente interpretados e reinterpretados em diferentes contextos. No ambiente digital, essa característica se intensifica, pois as imagens e os textos circulam incessantemente, e cada nova releitura expande os sentidos da obra original. Um exemplo claro disso é a multiplicação de versões digitais de *A Persistência da Memória*, de Salvador Dalí, nas quais os relógios derretidos são substituídos por celulares. Essa obra então, segue como o terceiro exemplo apresentado neste estudo, nas Figuras 5 e 6.

Figura 5: *A Persistência da Memória*, de Salvador Dalí



Fonte: Wikipédia (2025). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Persistência_da_Memória. Acesso em: 3 mar. 2025.

Figura 6: Releitura de *A Persistência da Memória*

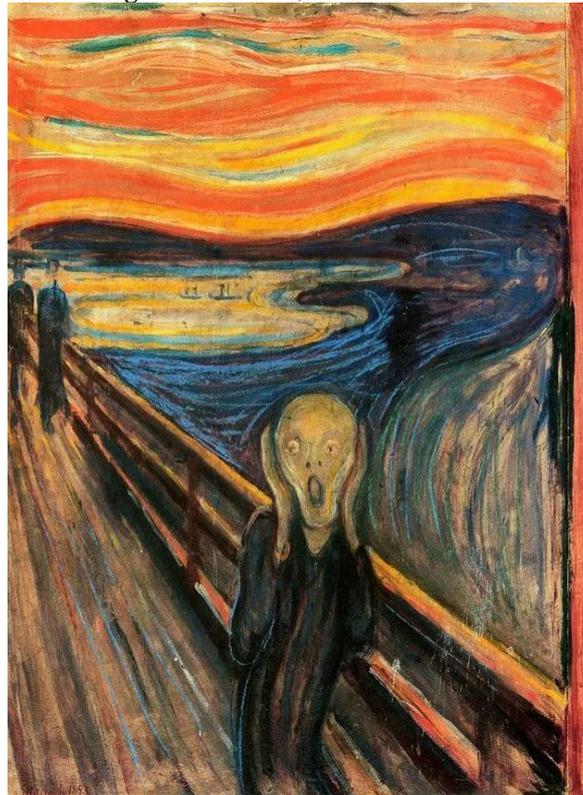


Fonte: Pinterest (2025). Disponível em: <https://ar.pinterest.com/pin/584553226615747152/>. Acesso em: 03 mar. 2025.

Essa substituição (Figura 6) não apenas moderniza a obra, mas também introduz uma nova camada de significação, ligando-a ao debate sobre a hiperconectividade e a aceleração do tempo na contemporaneidade. A semiose infinita ilustra que cada interpretação de uma obra não representa um ponto final, mas sim um elo em uma cadeia contínua de significados. No contexto digital, onde os textos são constantemente compartilhados, remixados e comentados, a intertextualidade adquire um caráter sonoro e participativo, permitindo ao público atuar como coautor na ressignificação das obras, aspecto apontado, por exemplo, por Koch (2007), Araújo e Lobo-Sousa (2009) e Lima-Neto e Carvalho (2023).

O quarto e último exemplo apresentado, trata-se de *O Grito*, de Edvard Munch (1893), um dos mais impactantes registros da angústia existencial na história da arte. Sua expressividade se manifesta na figura central de traços distorcidos, nas linhas ondulantes e no uso intenso de cores vibrantes, que criam uma atmosfera de tensão psicológica. No entanto, na cultura digital, essa carga emocional pode ser ressignificada de diferentes formas, como na releitura em LEGO, que substitui a expressividade caótica por uma construção geométrica e minimalista, resultando em um efeito de padronização e ordem. Para tal, veja-se as Figura 7 e 8, a seguir, as apresentarem esse movimento.

Figura 7: *O Grito*, de Edvard Munch



Fonte: Wikipédia (2025). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Grito. Acesso em: 03 mar. 2025.

Figura 8: Releitura de *O Grito*



Fonte: Pinterest (2025). Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/178103360248442410/>. Acesso em: 03 mar. 2025.

Essa releitura (Figura 8) altera significativamente a percepção emocional da obra. Enquanto o original, de Munch, transmite angústia e desespero por meio de formas fluidas e cores vibrantes, a versão em LEGO padroniza as formas e atenua o impacto emocional, permeado pelo pavor e medo. A conversão da dramaticidade pictórica em um *design* pixelizado reflete um processo de estetização da arte na cultura digital, onde a experiência subjetiva é mediada por filtros e padrões de consumo, criando, nesse caso, uma sensação de leveza no processo de releitura da obra original. Seguindo a teoria da enciclopédia cultural, de Umberto Eco (1989), essa releitura desloca a significação da obra original, inserindo-a em um contexto de ludicidade e desdramatização, tornando-a mais acessível, mas também mais distante de seu impacto emocional inicial.

Além disso, a metatextualidade desempenha um papel crucial nesse processo, pois a releitura em LEGO não apenas reinterpreta a obra original, mas também a insere em um novo código estético e discursivo, característico da cultura digital. Esse fenômeno reflete a maneira como a arte clássica é continuamente absorvida e ressignificada, adquirindo novas camadas de significado e dialogando com diferentes públicos ao longo do tempo.

Dessa forma, a intertextualidade semântico-discursiva, abordada a partir dos estudos que se filiam ao funcionamento do discurso e do texto na agenda linguística brasileira, mostra-se como um fenômeno dialógico da linguagem (Bakhtin, 2009; 2011; 2013), presente na cultura digital, evidenciando assim, a persistência dos textos clássicos ao longo do tempo, e mostra sua transformação constante para refletir novas realidades socioculturais.

Considerações finais

O presente estudo analisou a intertextualidade como um fenômeno semântico essencial nos processos de leitura e compreensão textual, com ênfase na ressignificação de textos clássicos no contexto da cultura digital. A partir das teorias estudadas, evidenciou-se que a intertextualidade não apenas conecta diferentes produções discursivas, mas também influencia a construção de sentidos e amplia a dinâmica interpretativa dos textos ao longo do tempo e dos diversos suportes que vão surgindo, a exemplo, dos midiáticos.

A análise demonstrou como a hipertextualidade, a paratextualidade e a metatextualidade, no ambiente digital, intensificam o diálogo entre produções textuais, permitindo releituras e ressignificações que desafiam a estabilidade dos significados e promovem novas camadas de interpretação. Examinou-se, por meio de exemplos concretos, como obras clássicas, icônicas da cultura, foram reconfiguradas por meio da mediação tecnológica, deslocando suas interpretações originais para novas esferas discursivas.

As teorias sustentam que essas transformações resultam de um processo contínuo de ressignificação simbólica e cultural, no qual as imagens clássicas adquirem novos sentidos a partir das interações com diferentes códigos semióticos e midiáticos. Esse fenômeno confirma a perspectiva dos estudos sobre intertextualidade, bem como a tese da semiose infinita de Peirce (1995), segundo a qual o significado dos signos está sempre em construção, sendo redefinido de acordo com o contexto de interpretação e circulação discursiva.

A pesquisa também ressaltou que a intertextualidade digital não apenas reconfigura os textos clássicos, mas redefine as práticas de leitura, de produção textual e, sobretudo, de compreensão textual, tornando os leitores agentes ativos na construção de significados. Nesse sentido, os processos de apropriação e remixagem na cultura digital evidenciam a natureza participativa do leitor contemporâneo,

que desempenha um papel fundamental na perpetuação e na ressignificação dos textos e dos discursos ao longo do tempo.

Entretanto, essas ressignificações digitais também levantam questionamentos sobre os impactos culturais e sociais desse fenômeno. Como essas releituras afetam a percepção da arte? Se, por um lado, tornam as obras mais acessíveis e interativas, por outro, podem diluir seu impacto simbólico original e transformá-las em meros produtos de entretenimento. A ressignificação de obras clássicas na era digital contribui para a democratização do acesso à cultura ou reforça uma lógica de consumo acelerado que esvazia seus sentidos mais profundos? Há, ainda, a questão da apropriação cultural: até que ponto essas transformações respeitam o contexto histórico das obras, e em que medida podem ser vistas como deturpações ou simplificações excessivas? Nisso, alerta-se também para a questão da autoria: quem assume a autoria desses textos? Questões como essas, são aventadas como possibilidades de estudos futuros, na perspectiva de continuidade deste.

Esses aspectos sugerem que, embora a cultura digital ofereça novas formas de interação com os textos clássicos, também impõe desafios à preservação de seu valor histórico e estético. O equilíbrio entre inovação e respeito ao legado cultural torna-se, assim, um dos grandes desafios para a interpretação das releituras digitais.

Por fim, este estudo reforça a importância da intertextualidade como um conceito-chave para compreender a evolução dos textos e das práticas discursivas na era digital. A ressignificação dos clássicos no ambiente digital demonstra não apenas a permanência dessas obras na cultura contemporânea, mas também sua adaptação a novos contextos, audiências e formas de expressão. Assim, ainda como desdobramento futuro – a exemplo dos questionamentos apresentados anteriormente –, sugere-se a ampliação da análise para outros domínios discursivos, como a literatura digital, os videogames e a produção audiovisual, a fim de aprofundar a compreensão dos mecanismos intertextuais na comunicação e construção de sentidos mediadas por tecnologias.

Referências

- ARAÚJO, Júlio César; LOBO-SOUSA, Ana Cristina. Considerações sobre a intertextualidade no hipertexto. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, v. 9, n. 3, p. 565-583, set./dez. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-76322009000300007>. Acesso em: 26 fev. 2025.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BERTOLDI, Steffany Christine Duarte. **Monalisas**: debate acerca da transformação de La Gioconda em ícone pop. 2016. 15 f. Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso) (Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora,

2016. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/bach/wp-content/uploads/sites/537/2016/10/STEFFANY-CHRISTINE-DUARTE-BERTOLDI-sd.pdf>. Acesso em; 25 fev. 2025.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 8. reimp. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**. Paris: Seuil, 1982.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

KENSKI, Ivani M. Cultura digital. In: MILL, Daniel (Org.). **Dicionário crítico de Educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas: Papyrus, 2018. p. 139-144.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. Hipertexto e construção do sentido. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 23-38, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1425/1126>. Acesso em: 26 fev. 2025.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **O texto e a construção de sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2012.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KINTSCH, Walter; VAN DIJK, Teun Adrianus. Toward a model of text comprehension and production. **Psychology Review**, v. 85, n. 5, p. 363-394, set. 1978.

KRISTEVA, Julia. **Sèméiotikè: recherches pour une sémanalyse**. Paris: Seuil, 1969.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicago: Chicago University Press, 1989.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA-NETO, Vicente de; CARVALHO, Ana Paula Lima de. Sobre as intertextualidades em ambientes digitais: o uso de *hashtags*. *Alfa*, São Paulo, v. 67, p. 01-20, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e17006>. Acesso em; 25 fev. 2025.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDES, Daniela Braga *et al.* **Sfumato de Leonardo da Vinci**. Brasília: Bananazoo CC Ltda., 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/19262478/O_Sfumato_de_Da_Vinci. Acesso em: 26 fev. 2025.

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. Semântica formal. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística II: princípios de análise**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 137-159.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto *et al.* 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

RIBEIRO, Roza Maria Palomanes. Muito além das palavras e sentidos: uma breve introdução à semântica. *In*: PINTO, Deise Cristina de Moraes *et al.* (Orgs.). **Introdução à semântica**. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2016. p. 07-32. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/122016/89e37050506a18d67892651721082ce9.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2025.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal**. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

VAN DIJK, Teun Adrianus; KINTSCH, Walter. **Strategies of discourse comprehension**. New York: Academic Press, 1983.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitivista**. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

XAVIER, Antônio Carlos. As Tecnologias e a aprendizagem (re)construcionista no Século XXI. **Revista Hipertextus**, Recife, v. 1, n. 1, p. 01-09, 2007. Disponível em: <http://arquivohipertextus.epizy.com/volume1/artigo-xavier.pdf?i=1>. Acesso em: 20 fev. 2025.

Fontes do *corpus* analisado (figuras):

A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Persistência_da_Memória. Acesso em: 03 mar. 2025.

BRASIL ESCOLA. **Intertextualidade**. Brasil Escola, [s.d.]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/intertextualidade-.htm>. Acesso em: 03 mar. 2025.

ISTOÉ. **20 curiosidades sobre A Última Ceia, obra-prima de Leonardo da Vinci.** ISTOÉ, 2025. Disponível em: <https://istoe.com.br/20-curiosidades-sobre-a-ultima-ceia-obra-prima-de-leonardo-da-vinci/>. Acesso em: 03 mar. 2025.

MONA LISA. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mona_Lisa. Acesso em: 3 mar. 2025.

O GRITO. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Grito. Acesso em: 3 mar. 2025.

PINTEREST. **Releitura da Mona Lisa.** Pinterest, [s.d.]. Disponível em: <https://in.pinterest.com/pin/259871840984022954/>. Acesso em: 03 mar. 2025.

PINTEREST. **Releitura de A Persistência da Memória.** Pinterest, [s.d.]. Disponível em: <https://ar.pinterest.com/pin/584553226615747152/>. Acesso em: 03 mar. 2025.

PINTEREST. **Releitura de O Grito.** Pinterest, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/178103360248442410/>. Acesso em: 03 mar. 2025.